

UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE O MATERIAL DIDÁTICO E AS NECESSIDADES DOS ESTUDANTES NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU

Imelson Ntchala Cá¹, Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio²

Resumo: Objetivamos, neste trabalho, investigar o perfil linguístico de estudantes guineenses e as características do material empregado para ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau, com o intuito de estabelecer um comparativo entre as necessidades dos aprendentes e o que é ofertado pelo material para aprendizado de português. Como subsídio teórico, para discussão dos conceitos de língua materna (ou primeira língua), de segunda língua, de língua adicional e de língua estrangeira, consideramos, dentre outros, Almeida Filho (2005) e Carvalho (2011) e, para discussão a respeito do ensino de língua portuguesa, consideramos, dentre outros, Mendes (2011), Alves (2012), Sellan (2012). O corpus empregado na investigação é constituído de questionário aplicado a 50 estudantes guineenses do ensino superior da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e também de material didático de língua portuguesa empregado nas séries iniciais em Guiné-Bissau. Os resultados apontam diferentes fatores causadores das dificuldades de aprendizagem, como inadequação do material, idade de aquisição da língua portuguesa e procedimentos de ensino.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Material didático. Português guineense

INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau comporta o contexto do multilinguismo, pois existe no país uma pluralidade linguística, com a persistência de muitas línguas nativas, além do português. A discussão que trazemos se relaciona com a consideração desse contexto multilíngue no ensino da língua portuguesa, pois, conforme apontam Couto e Embaló (2010), dentro do território guineense existem e convivem 20 línguas, e são estas que se constituem em línguas maternas dos guineenses. Essas línguas étnicas assumem grande protagonismo no convívio e na comunicação do dia a dia dentro das famílias e na sociedade em geral.

A proposta, como base nessas constatações, é a de investigarmos em mais detalhes quais seriam os aspectos causadores da fragilidade de domínio de português por

¹ Licenciado em Letras pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: imelsonntchalaca@yahoo.com.br

² Professor de Instituto de Humanidades e Letras, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e-mail: cassiorubio@unilab.edu.br

parte dos guineenses e apontar algumas questões que provavelmente merecem ser levadas em consideração na elaboração do material didático de ensino de português, dentre elas o perfil linguístico do povo guineense.

Nessa perspectiva, partimos de olhares de diferentes autores que nos apontam algumas estratégias mais eficientes no ensino de português para falantes de outras línguas ou perante uma realidade de multilinguismo como a de Guiné-Bissau. Essa perspectiva está presente em diferentes correntes, como vemos nos trabalhos de autores como, Ferreira (2012), Sellan (2012), Teixeira (2012), Mendes (2011), Ueti (2012).

O material didático deve ser específico, no sentido de obedecer à realidade desses falantes. De acordo com Ferreira (2012) é importante que o leve em consideração o perfil linguístico, social e político do sujeito que o empregará. Se o contexto linguístico do povo é bilíngue, então o ensino tem que ser também bilíngue. Complementa Ueti (2012, p.13) que se devem considerar variados condicionadores, como as características dos alunos e a boa apresentação dos conteúdos programáticos. Schoffen (2012) aponta que é importante o emprego de materiais autênticos em sala de aulas de língua adicional, porque possibilitam a produção do uso de linguagem na interação social. E este material deve ser acompanhado de tarefas orientadas por gêneros discursivos, de modo a potencializarem o desenvolvimento da competência da oralidade, da escrita, da leitura, conforme, Mendes (2011). Ferreira (2012) argumenta que é relevante considerar o contexto linguístico, faixa etária, contemplar conhecimento de povo em causa, as realidades dos aprendentes.

Sendo assim, Teixeira (2012, p.55-56) nos assegura que o ensino de L2 deve potencializar o desenvolvimento da competência da oralidade, da escrita, da leitura e do conhecimento explícito da língua. O trabalho de ensino de português tem que partir da ideia de uma aprendizagem a partir do contexto cultural. Ueti (2012, p.13) aponta que é de igual modo importante o uso/ensino dos gêneros discursivos nas aulas de português como língua não materna, pois os gêneros devem ser objeto de estudo de uma língua.

Para Sellan (2012), ensinar e aprender uma nova língua não deve se resumir ao conhecimento sobre a gramática é importante trabalhar a aquisição da oralidade e da escrita, os usos de argumentos, os atos da fala, as condições de produção discursiva. As

necessidades comunicativas são fundamentais para um ensino e aprendizagem eficiente das línguas não maternas.

METODOLOGIA

Para coleta dos dados, foi realizada a entrevista com 54 interlocutores, todos da nacionalidade guineense, estudantes da Universidade Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, (Unilab), localizada na cidade de Redenção, no estado do Ceará. Os jovens possuem idade que varia de 20 a 30 anos. A entrevista foi dividida em duas partes, na primeira parte, aplicamos questionários a 50 entrevistados, divididos, proporcionalmente, em 25 mulheres e 25 homens. Na segunda parte, realizamos a entrevista oral com 4 interlocutores, sendo também 2 homens e 2mulheres. As entrevistas se desenvolveram, portanto, de duas formas: aplicação dos questionários escritos e de forma oral.

Para os outros 4 entrevistados, a entrevista foi feita de forma oral e nela procuramos saber das narrativas das experiências destes estudantes quanto ao processo de ensino e aprendizagem das outras línguas, neste caso, o Francês e o Inglês. Verificar o que haveria de diferente no ensino dessas línguas com relação ao ensino do português, pelo qual passaram (com base no método proposto por RODRIGUES, 2007).

O material didático analisado, nessa pesquisa, é denominado PERIQUITO BETA, utilizado em quase todas as escolas do país, nas series iniciais, para ensino da língua portuguesa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 50 guineenses entrevistados, os dados apontam que 52% destes informantes têm como a primeira língua (L1/LM) as línguas étnicas, 46% tem o guineense, 2% tem o wolof, e nenhum dos informantes tem o português como a primeira língua. O primeiro contato com o português se dá no ambiente de sala de aula, sendo, segundo os dados da mesma pesquisa, aprendido por 98% destes estudantes na escola, já na idade escolar, que varia de 6 aos 14 anos. Portanto, para a maioria não se constitui língua de convívio, não sendo falada com frequência, nem apontada como de uso diário. 42% das famílias desses informantes/estudantes, inclusive, comunicam-se em línguas

maternas, e, fora da família, isto é, na sociedade ou na comunidade, 96% comunicam-se frequentemente em crioulo guineense, cabendo ao português apenas as funções institucionais, caracterizando-se como língua de prestígio, dos escolarizados, das pessoas com certa ascensão social, mas não a língua de acesso para todos, conforme também já apontavam Couto e Embaló (2010).

Confrontando os resultados e os subsídios teóricos, podemos afirmar, com convicção, que a língua portuguesa não é língua materna dos guineenses, mas pelo *status* que possui configura-se como segunda língua (L2) para os guineenses, pois, conforme aponta Leiria (1999), a segunda língua é o uso de uma língua que não é nativa dentro de fronteiras territoriais, mas que tem um *status* ou função reconhecida dentro desse país e é frequentemente uma das línguas oficiais, importante para a participação na vida política e econômica do estado e línguas da escola.

O período em que estes estudantes aprendem o português é considerado não propício para aquisição de uma nova língua, pois, segundo Nascimento e Santos (2013, apud, SOUZA, 2015) a idade adequada para aprendizagem de uma segunda língua (L2) começa da infância até aos 5 anos de idade, pois nesse intervalo de tempo, o desenvolvimento do cérebro ocorre de forma acelerada, conforme já havíamos visto em capítulo anterior.

Contraopondo todos esses argumentos aos dados da entrevista, concluímos que a língua portuguesa, além de não ser língua materna dos guineenses, tem seu processo de aquisição fora do período ou da idade propícia, o que não impede, mas dificulta efetivo aprendizado da escrita e oralidade.

Partindo dos dados de análise do material didático disponível para o ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau, constatamos que esse material é descontextualizado, porque não leva em consideração o perfil linguístico dos estudantes guineenses, apresenta as características do material feito para estudantes que têm o português como a primeira língua (L1). Não existe material sonoro a fim de ajudar os alunos na produção, percepção e pronúncia das palavras da língua adicional, nova língua que está sendo aprendida.

A ausência de abordagem comunicativa constatada na análise do material didático foi também relatada pelos nossos interlocutores, pois, como apontam os dados

da entrevista, 78% dos informantes não tinham no ensino/aprendizagem de língua portuguesa aulas de conversação. Além de não existir a proposta de conversação, a prática da língua, a sua realização, igualmente, como mostram os dados, 98% dos informantes disseram que, em nenhum momento tinham aulas voltadas ao estudo de sons de palavras, à percepção e a produção, através de material sonoro.

CONCLUSÕES

No desenrolar da pesquisa, com base na discussão a respeito do perfil linguístico dos estudantes guineenses, dos procedimentos metodológicos para o ensino do português, a partir das características do material didático analisado e das entrevistas orais, constatamos várias incompatibilidades existentes nesse processo. Os resultados apontam diferentes fatores causadores das dificuldades de aprendizagem, como inadequação do material, idade de aquisição da língua portuguesa, procedimentos de ensino e influência das línguas locais. Todas essas inadequações e incompatibilidades apontadas nessa pesquisa poderiam estar gerando, ao longo prazo, o fracasso de domínio da língua portuguesa pelos estudantes guineenses.

REFERÊNCIAS

BENTO, Carla Isabel da Silva. **Aquisição de Português Língua Não Materna** –o conjuntivo na interlíngua de falantes nativos de neerlandês. Dissertação de Mestrado em Ensino de Português, Faculdade Humanidades, Universidade Nova, Lisboa, 2013.

CARVALHO, Gislene Lima. **Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.126 p.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, n. 20. Brasília, 2010. 256p.

FERREIRA, Lucimar Luisa. **Ensino de Português L2 e Produção de Material Didático-Pedagógico: Formação continuada de professores Xavante.** Visitas Guiadas. São Paulo: Paulistana, 2012. p.49-54.

LEIRIA, Isabel. **Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino,** Departamento de Linguística Geral e Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 1ª congresso de português língua não materna, Lisboa, 1999.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa Acadêmica**: como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo, Atlas, 2007. 177p.

SOUZA, Arlei da Silva. **O processo de aquisição de um segundo idioma em crianças e adultos**. Estação Científica -Juiz de Fora, nº 14, julho –dezembro / 2015. Disponível em: <http://portal.estacio.br/docs%5Crevista_estacao_cientifica/08-14.pdf>. Acesso em 07 de abril de 2017.

UETI, Luhema Santos, **O gênero carta de pedido de conselhos nos LDS de PFOL**.

- São Paulo: Paulistana, 2012. p.13-20.